Ano XII ... Nº 372 ... Uberaba/MG ... Março/Abril de 2012

Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Perigo no lixo
A população se descuida e os coletores acabam feridos

03

Desfile ameaçado
Lei propõe fim do uso dos jalecos nas ruas

04

Revolucionária imortal
Lucilia Rosa e suas histórias transformam-se em livro

12

Ilustração: Thiago Paião

Universitários protegidos

PM investe em parceria em busca de segurança

issuu-downloader.com

Contraponto

Aírton de Souza
7º período de Jornalismo

O cenário, dos mais convidativos. A velocidade, o meio de atingir rapidamente o extremo do ponto de partida. Mas, pra que tanta pressa se a linha de chegada é sempre a mesma?!

Corremos feito malucos de um canto a outro, na ânsia de cumprir obrigações que se repetem a cada dia. Todos os dias, mecanicamente, repetimos nossos gestos, nossas dúvidas, nossas corridas desenfreadas rumo ao grande mergulho no desconhecido. Ao fundo, mal dá pra identificar se é um tipo de comida, autopeça, marca de parafuso, ou mesmo se o que leva a caixa veloz é um monte de papéis que, depois de lidos, serão dispensados na lixeira mais próxima. Passa por mim numa velocidade que não se pode medir. O zigue-zague é o seu traçado constante.

Ironia do destino, essas breves voltas são capazes de dilatar um pouco a vida que, inevitavelmente, terá fim.

Sintonizo meu rádio e a música que toca é "Stairway to heaven". Ironia? Ou quem sabe um paradoxo? Minutos intermináveis, no calor infernal da tarde, se arrastam até que o trânsito para. Curiosos se aglomeram, uma sirene estridente abre caminho. "Tá lá um corpo estendido no chão".

Numa operação inglória, paramédicos tentam salvar mais uma vida. O sangue escorre pelo chão, a respiração se torna mais ofegante. Não houve o que fazer, e os paramédicos retiram as luvas e cobrem o corpo inerte.

A multidão começa seu vaivém, o fluxo tem de prosseguir. Olhares indiferentes observam o corpo no chão, a moto semidestruída e agora se percebe: eram papéis.

A morte pelos papéis ou pela inoperância de motoristas e pilotos imprudentes com um choque inevitável e consequências, ah, deixa pra lá... Aos filósofos o que é dos filósofos.

Quando tento novamente sintonizar meu rádio, dois olhares aflitos testemunham, da ilha que divide a avenida, o intenso movimento de motores que engasgam com as mudanças de marcha, mas mantêm convictos o seu trajeto. Até que alguém diminui a marcha e impede a passagem de outros carros.

Fico praticamente paralisado a poucos metros daqueles pequenos cães que, num suplício com o olhar, pedem passagem. Eles devem atingir o bosque do outro lado da rua. E atravessam imponentes e decididos.

O mundo parou porque dois cães desejavam atravessar a rua. O mundo não parou porque papéis deveriam ser entregues e não o foram.

O interessante se sobrepõe ao importante.

Interessa-nos perceber a sensibilidade de muitos diante do inédito passeio canino, mas não nos comovemos com a vida do semelhante que se esvai.

Trânsito louco esse, ou já não somos tão importantes assim?

Onde tudo se perdeu?

Rona Abdalla
5º período de Jornalismo

Pular corda, correr, brincar na rua, de pés no chão. Pique-pega, queimada, vôlei. Brincadeiras tradicionais na infância. Pelo menos na infância de quem soube apreciar essa fase.

Não sei se é impressão ou se, de fato, as coisas mudaram. O certo é que as crianças não são mais como as de antigamente. Hoje, ficar em casa, em frente ao computador é mais fascinante do que participar de brincadeiras que requerem esforço físico.

Na minha infância, tínhamos televisão e discos de vinil e, olha, nenhum tinha a mesma graça das brincadeiras com os primos.

Vivíamos entre caixas de brinquedos. Vez ou outra, jogávamos tudo pela sala. Quando catar os pedaços dos brinquedos cansava, seguíamos para o quintal para tomar banho de mangueira azul. Era a melhor coisa.

Nada parecia nos afetar, só mesmo o som da voz da minha tia que, depois de horas e horas de paciência, determinava o fim da bagunça.

Aí, chegava a hora de tomar um banho, saborear a janta gostosa e quentinha e seguir para a cama.

Não tinha problema no mundo que nos fizesse perder o encanto. A preocupação máxima era não perder o momento em que a Xuxa descia da nave.

A impressão que tenho é que o brilho se perdeu. Não sei como... Não vejo crianças brincando nas ruas, nas praças e parece que nem o Mertiolate arde mais.

Não há essência, inocência e nem a magia rondando o início da vida. Faltam pés descalços no chão. Falta joelho ralado. Talvez, se eu fosse criança, na atualidade, saberia aproveitar bem a fase tecnológica tão diferente. Afinal, tudo o que fui ontem, me trouxe para o hoje.

Revelação • Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Expediente. Revelação: Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) ••• **Reitor:** Marcelo Palmério ••• **Pró-reitora de Ensino Superior:** Inara Barbosa ••• **Coordenador do curso de Comunicação Social:** André Azevedo da Fonseca (MG 9912 JP) ••• **Professora orientadora:** Indiara Ferreira (MG 6308 JP) ••• **Projeto gráfico:** Diogo Lapaiva, Jr. Rodran, Bruno Nakamura (ex-alunos Jornalismo/Publicidade e Propaganda) ••• **Designer Gráfico:** Isabel Ventura ... **Estagiários:** Gleudo Fonseca (3º período/Jornalismo) Carlos do Amaral (7º período) ••• **Revisão:** Márcia Beatriz da Silva ••• **Impressão:** Gráfica Jornal da Manhã ••• **Redação:** Universidade de Uberaba – Curso de Comunicação Social – Sala L 18 – Av. Nenê Sabino, 1801 – Uberaba/MG ••• **Telefone:** (34) 3319 8953 ••• **E-mail:** revela@uniube.br

issuu-downloader.com

Coletores ficam expostos aos perigos do lixo urbano

Acidentes com materiais cortantes acontecem por imperícia da população

Rona Abdalla
5º período de Jornalismo

No dicionário, a palavra lixo é definida como o que se varre para tornar limpa uma casa, rua, jardim e etc. No geral, a população descarta os resíduos sólidos, mas, separar esses resíduos, antes de colocá-los para a coleta, não é um hábito comum dos brasileiros. A prova disso é o número de acidentes que ocorre diariamente com os coletores de lixo.

A Pesquisa Nacional de Saneamento Básico, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelou que no Brasil coleta-se diariamente 125. 281 mil toneladas de resíduos domiciliares e 52,8% dos municípios brasileiros dispõem seus resíduos em lixões.

Em Uberaba, a prestadora de serviço responsável pela coleta de lixo é a Uberaba Ambiental. A empresa emprega atualmente 62 profissionais, que se dividem em sete caminhões de coleta. Diariamente, são recolhidas 280 toneladas de resíduos.

Segundo a empresa, são registrados de três a quatro acidentes mensais. A maioria causada durante coleta de materiais 'perfuro cortantes'. São lâmpadas, palitos de madeira, cacos de vidro e metais de ponta.

O supervisor operacional da Uberaba Ambiental, Marcelo Honorato, conta que existem ações de divulgação sobre acondicionamento do lixo. São panfletos, comunicados na TV, adesivos nos caminhões e até mesmo anúncios na lista telefônica. "A pessoa, às vezes, trabalha o dia todo, chega em casa cansada, não tem tempo de se informar e nem sabe da importância da separação do lixo", diz o supervisor.

Ele explica que, em casos de acidentes, o próprio morador é responsável pelos danos causados ao trabalhador. "É feito um boletim de ocorrência, afinal, o lixo é de responsabilidade de quem o deixa lá. Às vezes, o próprio morador dá assistência ao coletor, mas quando isso não acontece, nós fazemos. Eles tomam a vacina, o medicamento necessário, tudo o que precisar", revela.

Foto: Katiuscia Antunes

Diariamente são recolhidas em Uberaba 28 toneladas de resíduos

O coletor Luciano Nascimento, está há seis anos na empresa. Entre as toneladas de lixo que já recolheu durante a carga horária de seis horas diárias, contabiliza alguns acidentes. O que mais marcou o funcionário foi causado por um resíduo curioso. "Um osso de cabeça de vaca. Cortei o pé e levei dez pontos", relembra Luciano.

A técnica de segurança do trabalho, Elaine da Cunha Marques, explica que o funcionário recebe na empresa alguns equipamentos de segurança: luvas de proteção, óculos, máscaras e bota. "São realizados treinamentos para prepará-los. Temos que bater na mesma tecla, informar e conscientizar o funcionário já que a população não tem essa preocupação de separar o lixo", finaliza Elaine.

Embale o lixo com segurança

• Embrulhar os materiais pontiagudos em jornal não resolve. Você deve descartar o vidro dentro de caixas de leite ou ainda pode usar as garrafas pet. No caso das pets, recorte a parte superior da garrafa e use-a ao contrário, com a boca para baixo, como tampa.

• No caso de pregos, retire-os do objeto em que estiverem afixados e embale-os com segurança. Recomeda-se separá-los do lixo convencional.

• As lâmpadas fluorescentes possuem um vapor de mercúrio, e para descartá-las também é preciso cuidado. A maneira mais segura é encaminhar as lâmpadas queimadas ou quebradas para a Secretaria Municipal do Meio Ambiente.

issuu-downloader.com

Lei municipal propõe fim do uso de jalecos fora do ambiente de trabalho

Vinícius Silva
5º período de Jornalismo

Fotos: Vinícius Silva

Enquanto a lei não é aprovada, alunos e profissionais da saúde desfilam com os jalecos pelas ruas

Quem anda pelas ruas próximas às universidades que oferecem cursos na área da saúde em Uberaba, pode notar um pelotão de médicos, enfermeiros e estudantes se locomovendo com seus jalecos, aventais e uniformes brancos. Em algumas vezes o hábito pode ser sinônimo de um simples esquecimento de tirá-los ao sair dos laboratórios, mas em boa parte delas é uma forma de demonstrar o orgulho em ser 'doutor'. Mas usar essas peças fora do ambiente hospitalar pode ser mais perigoso do que se imagina. Elas podem carregar bactérias para dentro dos hospitais e levar para o ambiente interno outros micro-organismos que circulam na rua.

> registrei um projeto de lei que irá proibir a circulação com jaleco fora do ambiente de trabalho

Uma pesquisa publicada em setembro passado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) detectou a presença de bactérias que resistem até 12 horas em 95,8% dos jalecos médicos analisados. Entre elas estava a *Staphilococcus aureus*, principal responsável pelas infecções hospitalares. Mangas e bolsos são as áreas mais contaminadas, segundo o estudo.

O Conselho Federal de Medicina não dita nenhuma regulamentação sobre o uso do jaleco - cuja função é proteger o médico de contaminações - assim como as luvas e máscaras. Porém, essa polêmica é antiga.

O governo de São Paulo promulgou lei que proíbe o uso externo de equipamentos de proteção individual por profissionais de saúde. A multa é de R$174,50 e para reincidentes o dobro do valor; mas não estão definidas formas de fiscalização e, por enquanto, a infração não terá efeito punitivo.

Em Uberaba, um projeto de lei semelhante já tramita na Câmara Municipal. De acordo com o autor da proposição, o vereador Carlos Alberto de Godoy, a preocupação já é antiga. "Diante dessa preocupação e avaliando outras leis municipais já aprovadas, registrei um protocolo para um projeto de lei que irá proibir a circulação com jaleco fora do ambiente de trabalho, ou seja, fora do hospital, ou de um consultório odontológico".

O Departamento Legislativo da Câmara Municipal esclareceu que, após o início dos trâmites, há dois anos, o projeto parou e não há previsão de ser colocado em pauta.

Profissionais defendem o uso do branco nas ruas

Há quem use jaleco fora do ambiente profissional e acredite que o hábito não traga riscos.

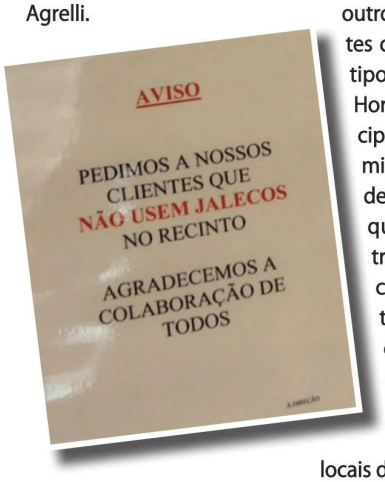
O Jornal Revelação percorreu alguns bairros nas imediações de hospitais da cidade e encontrou quem não concorde com a proibição. "Se trocar diariamente, não tem problema. O jaleco pode

issuu-downloader.com

carregar bactérias, mas o sapato que usamos também pode", afirma o residente em ginecologia e obstetrícia, de 28 anos que circulava de jaleco pelas ruas, e preferiu não se identificar.

A enfermeira Maria Helena da Costa, de 57 anos, do sistema público de saúde, também é contra a lei, pois acredita que a não utilização do jaleco descaracteriza a profissão. "O jaleco traz uma visão mais respeitosa da imagem do médico ou do enfermeiro", explica.

É possível observar também estudantes no interior das universidades desfilando com as peças de proteção fora dos laboratórios. "Existe uma orientação contra essa prática, mas não há uma legislação específica. Não há condições para um monitoramento; existem apenas recomendações", relata o doutor e coordenador do curso de Medicina da Universidade de Uberaba, Galvani Salgado Agrelli.



Restaurante do centro da cidade proíbe o uso do jaleco

Ainda segundo Galvani, caso seja aprovada, a lei será ineficiente, pois o acompanhante de um paciente que entra e sai com a mesma roupa de um leito, ou seja, que esteve em contato com a cama, instrumentos e outros objetos hospitalares, também passa a ser um vetor transmissor de doenças e agentes químicos e biológicos. "As pessoas saudáveis não adoecem com o contato com bactérias. Se assim fosse, os médicos e enfermeiros viveriam doentes. O problema são os pacientes já doentes e pessoas que estão com o sistema imunológico fraco. Os principais grupos de risco são os idosos e as crianças", finaliza o coordenador.

Quem trabalha no comércio fica em situação ainda mais complicada. De um lado estão os clientes da área da saúde que utilizam o jaleco em ambientes públicos e no interior dos estabelecimentos sem muita preocupação. Do outro lado, estão os clientes que não aceitam este tipo de prática. Em Belo Horizonte, uma lei municipal prevê multa de R$ 1 mil para os proprietários de bares e restaurantes que permitirem a entrada dos profissionais com as vestimentas de trabalho. De acordo com a medida, placas e avisos devem ser fixados informando sobre a decisão em locais de fácil visibilidade.

Mesmo a lei valendo apenas na capital, um restaurante

> "O jaleco traz uma visão mais respeitosa da imagem do médico ou do enfermeiro

na região central de Uberaba adotou a determinação.

"A placa fixada próxima à entrada é uma recomendação para que o profissional não entre de jaleco no restaurante. Não se trata de uma proibição", explica a nutricionista do estabelecimento, Mirella Rassi Batistuta, que revela que algumas pessoas já se sentiram ofendidas e constrangidas com o aviso.

Desde o agravamento da gripe suína em 2008, o mesmo estabelecimento adotou outras práticas de segurança, como a instalação de um lavabo com álcool gel para que os clientes lavem as mãos antes de se servirem no bufê.

O infectologista do setor de controle de infecção da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Rodrigo Molina, alerta para uma medida de higiene simples e eficaz. "A melhor técnica e mais barata para evitar a contaminação é sempre lavar as mãos, antes e depois de manipular aparelhos e consultar os pacientes. Uma outra dica é o uso do álcool gel também para a higienização das mãos", recomenda.

Opinião

Você acredita que é necessário criar uma lei para proibir o uso dos jalecos fora do ambiente hospitalar, ou para evitar essa atitude basta apenas bom senso do profissional de saúde?

"Não. É preciso que haja uma conscientização da classe. Não é preciso criar uma lei com multa. Será muito difícil o abordamento com o sujeito que desrespeitar a determinação".
José Renato Vieira,
comerciante.

"Sim. Acho que deve ser criada a lei, já que por si só os médicos e enfermeiros não possuem o bom senso sobre o uso de jalecos na rua".
Eliana dos Santos,
serviços gerais.

"Sim. O risco de contaminação é grande. As coisas só começam a funcionar quando vira lei e vale multa. É uma vergonha, é uma falta de educação do profissional de saúde".
Elisa Garcia Nascimento,
funcionária pública.

"Não. Não é necessário virar lei, pois não é cabível. Não consigo imaginar uma pena para o infrator. Ele seria então um criminoso? Será inconstitucional. Vai mais do bom senso do profissional",
José Saulo Santos,
publicitário.

issuu-downloader.com

Pacientes com câncer mantêm a confiança para combater a doença

Especialistas afirmam que aspectos emocionais e psicológicos são determinantes no tratamento

Fotos: Arquivo Pessoal

Marcelo Lemos
5º período de Jornalismo

A notícia chega de surpresa e assusta. Descobrir que o médico diagnosticou um câncer parece, à primeira vista, uma sentença de morte. É o impacto imediato. Quando a doença é diagnosticada na fase inicial, há grandes chances de cura, entre 90% e 100%, segundo médicos.

Existem mais de 100 tipos de câncer, caracterizados pelo crescimento anormal das células. As causas variam de radiação de produtos químicos a vírus, e, apesar de em alguns casos o tumor não ter cura, o paciente pode viver por muitos anos com boa qualidade de vida, doença controlada e tratada.

A rotina de exames, radio e quimioterapia exigem persistência e o tumor necessita de um tratamento prolongado. Se a doença não for tratada, pode se agravar e invadir órgãos do corpo, de maneira generalizada, impedindo o funcionamento normal do organismo e levando à morte.

A advogada descobriu que estava com câncer no ano passado

No ano passado, duas personalidades descobriram que estavam com câncer: o ator Reynaldo Gianecchini e o ex-presidente Lula. Mas, existem muitas outras pessoas que, mesmo com uma torcida infinitamente menor, encaram o problema e mantêm a autoestima, na difícil luta da recuperação.

A descoberta

A bacharela em Direito, Nathaliani Pacheco Gobbo, de 28 anos, descobriu em 2010 que estava com câncer no punho direito, diagnosticado como rabdomiossarcoma, um tumor que se desenvolve nos músculos e tecidos. Em cerca de 75% dos casos, este tumor atinge crianças até os quatro anos de idade.

Ela desconfiou da doença logo no início, por causa de um nódulo que apareceu . "Quando o resultado ficou pronto, meu médico ligou e disse que era para eu ir ao consultório porque não tinha uma notícia muito boa para me dar. Eu já imaginava o que poderia ser, pois o material tinha ido para biópsia. Fiquei muito assustada", lembra .

Com confiança na medicina, mas principalmente em Deus, ela iniciou o tratamento no Hospital do Câncer de Barretos, interior de São Paulo. Durou um ano e cinco meses. "Os primeiros quatro meses foram os mais difíceis. Foi quando eu entendi o verdadeiro valor da saúde porque psicologicamente eu estava bem, mas meu físico não permitia eu levantar da cama. Eu queria trabalhar, fazer algo, mas não conseguia nem caminhar por conta da fraqueza e da dor. Minha vida mudou completamente, amadureci muito, passei a dar muito mais valor à minha família e aos verdadeiros amigos."

A fé

Foi na fé que Nathaliani encontrou forças para lutar pela vida. "Tive meus momentos de descrença como qualquer mortal, mas em minhas orações eu pedia para Deus segurar minhas mãos e não me desamparar. Conheci o Padre Gilmar de Trindade, Goiás, que tem o dom da cura. Ele disse que eu tinha que pedir a Deus a minha cura porque só alcança quem pede. Agradeço todos os dias pela graça alcançada, mas continuo pedindo porque tenho medo da recidiva, que é a recaída da doença", declara a jovem.

issuu-downloader.com

A psicóloga Wanda Lepri aposta no tratamento integrado

O apoio psicológico

Outro fator importante foi o lado psicológico da advogada que influenciou na eficácia do tratamento. Desde a descoberta do câncer, ela faz terapia. "Foi essencial para diminuir o sofrimento. Eu tenho uma resistência muito grande em ir para Barretos, onde continuo com a manutenção a cada três meses. Pelo fato de o tumor que tive ser de criança, meu tratamento foi feito na pediatria, mesmo eu tendo 28 anos. Então, ver as crianças passando por esse tratamento era muito triste, mas já estou superando e hoje falo para quem está em tratamento que é uma fase e que vai passar. Basta ter fé, esperança e confiança nos médicos", ressalta Nathaliani.

O tratamento

Segundo a advogada, durante o tratamento é essencial que o paciente siga as orientações médicas à risca. Ela só podia comer alimentos cozidos e frutas higienizadas com hipoclorito.

Não podia comer alimentos com vitamina K, que são aqueles de folhas verde escuras, nem alimentos ácidos, como laranja, abacaxi, limão, para não dar ferida na boca.

Outro cuidado importante, de acordo com Nathaliani, é o controle da temperatura do corpo e da imunidade, que baixa por conta da quimioterapia. O medicamento destrói as células cancerígenas, mas também enfraquece as saudáveis. "Minha imunidade baixou por diversas vezes, então foi necessário fazer transfusão de sangue e de plaquetas. A febre é indício de infecção, então, assim que eu tinha, era preciso internar e tomar antibióticos para combatê-la", conta a advogada.

O apoio familiar

Segundo a psicóloga especialista em saúde da família, Wanda Lavinia Lepri Longas, todas as pessoas têm chance de combater o tumor, desde que consigam realizar um movimento interno de luta contra a doença, ou seja, o indivíduo deve ser ativo em relação ao tratamento. Para isso é necessário conhecer a doença. "Para lutar eu tenho que conhecer o meu inimigo", explica Wanda.

Para a psicóloga,a maioria dos familiares passa a lidar com o paciente com pena, dó e tenta poupá-lo de tudo. "Se o paciente entrar nesse jogo, ele não luta. Passa a conviver com as pessoas a partir do câncer, ou seja, ele se 'traveste' da doença e cria então um estigma que vai permear todas as suas relações interpessoais".

Wanda Lavínia pede aos familiares que visitam pacientes, que tragam sempre a vida para dentro do hospital. "Eu posso me emocionar diante do paciente, não posso me desesperar, ficar me despedindo, olhar para ele com sentimento de pena. Preciso estar de alma limpa, leve, oferecer um olhar de carinho, de afeto, falar com ele mesmo que esteja inconsciente, dizer que o amo, o quanto ele é importante. Tudo isso, mantém viva a chama da vida e o paciente fica confortado", aconselha a psicóloga.

Orientação de especialista

A especialista costuma dizer ao paciente que 50% do tratamento são os procedimentos e remédios, os outros 50% estão dentro dele mesmo. "Temos que alimentar a vida, a saúde, o bem-estar, e não a doença", aponta.

De acordo com Wanda, o paciente pode encontrar forças na família, no fortalecimento dos vínculos saudáveis. "O mais importante é investir nos sonhos. Sonhar é a única coisa possível em qualquer situação. Então, investir nos sonhos é, sem dúvida, uma possibilidade.

O recomeço

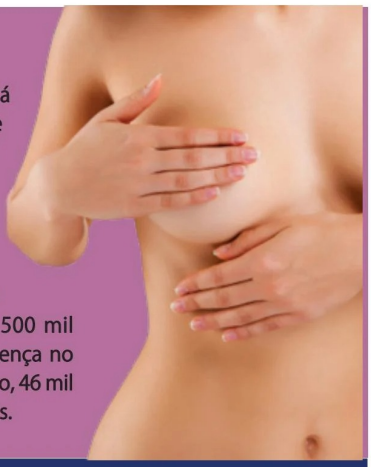
Desabafar, falar dos medos e das tristezas pode trazer benefícios para o paciente.. Wanda explica que existem cinco principais posturas diante de adoecimentos: negação (fase de incredulidade), barganha (tentativa de negociar), ganho secundário (forma de obter benefícios através da doença), depressão (quando, de certa forma, nos entregamos) e a aceitação (que nos possibilita lutar). "É preciso vivenciar a doença e a dor provocada. É como um luto, que deve ser vivenciado"

> "O mais importante é investir nos sonhos. Sonhar é a única coisa possível em qualquer situação

Segundo a psicóloga, os que conseguem superar o câncer veem a vida como um recomeço. "A superação pode causar uma espécie de ressignificação. É algo que, com certeza, provoca profundas reflexões sobre o viver, sobre o que realmente tem significado na vida", conclui Wanda Lavínia.

Os números da doença

O câncer continua sendo a segunda principal causa de mortes em todo o mundo. Perde apenas para doenças cardiovasculares. Tumores no pulmão, na mama, no fígado e na região colorretal provocam a maioria das mortes registradas pela doença. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) dentro dos próximos 20 anos, o câncer será a primeira causa de morte. De acordo com estimativas do Instituto Nacional do Câncer (INCA) são esperados, até o final deste ano, quase 500 mil novos casos da doença no Brasil. Desse número, 46 mil são em Minas Gerais.



issuu-downloader.com

Polícia Militar p conscientizar U

Vida de Universitário é o tema da

Natália Escobar
3º período de Jornalismo

No primeiro trimestre de 2011 foram registrados 20 furtos e roubos nos arredores da Universidade de Uberaba. Uma média de um crime a cada quatro dias.

Em 2012, de janeiro a março, as ocorrências caíram para nove. Ainda assim, a Polícia Militar através Área Integrada de Segurança Pública (AISP 85), responsável pelos bairros no entorno da Uniube, está preocupada com a violência que acontece por falta de conscientização dos estudantes e moradores da região.

O capitão responsável pela AISP 85, Anderson Claiton Borges, reconhece que os números de ocorrências já foram muito maiores, mas diz que é preciso não descuidar da situação.

"O estudante não tem consciência de que é um alvo fácil para o assaltante. Acontecem assaltos que poderiam ser evitados com atitudes simples, como andar em grupos e não estacionar o carro em locais escuros", explica.

Pensando nisso, a PM, juntamente com o Conselho Comunitário de Segurança Pública do bairro Olinda e Universitário (o Consep da AISP 85), decidiu procurar parceria dentro da própria universidade.

Em contato com a diretoria do curso de Comunicação Social, levaram a ideia para a Portifólio, agência experimental de Publicidade e Propaganda, formada por alunos e professores orientadores.

"Em nenhum momento estamos tirando a responsabilidade da Polícia Militar com a segurança pública. O nosso objetivo é evitar que situações de descuido terminem em fur-

Foto: Neuza das Graças

Toda a campanha foi aprovada pelo reitor Marcelo Palmério e pelos integrantes da polícia

issuu-downloader.com

rocura ajuda para universitários

a campanha que envolve a Uniube

tos", explica o Capitão Claiton.

O diretor do Consep, Jorge Pinheiro, conta que a parceria entre a universidade e a PM será um vetor da segurança pública. "Esse projeto de conscientização era tudo que queríamos fazer, mas não sabíamos como", diz.

A campanha

Sob a coordenação dos professores Marcelo Borges, Neire Castilho, Blueth Sabrina e Karla Borges, os alunos desenvolveram uma campanha publicitária focada na conscientização do estudante. "Com uma terminologia jovem, procuramos desenvolver o conceito, de maneira que atinja o universitário e informe para que ele não seja alvo fácil de assaltos", explica a coordenadora da Portfólio, professora Karla.

O tema da campanha é Vida de Universitário. Foram desenvolvidos banners, outdoors e murais, que serão instalados dentro da Uniube. Com informações de segurança preventiva, a campanha retrata situações como o assalto a repúblicas de estudantes, roubo de celulares e furto de objetos que foram deixados à mostra dentro de carros estacionados.

A aluna bolsista da Portfólio, Yasmin Santos, integrou a equipe que desenvolveu no projeto.

"A partir do briefing que a Polícia Militar nos passou, fizemos um estudo mais aprofundado e trabalhamos com uma linguagem mais próxima do universitário, de modo que eles sejam atingidos de um jeito mais fácil. Na campanha, usamos as situações que são mais comuns. O objetivo final é informar e previnir", explica Yasmin que atuou com os colegas de Portfólio, César Gomes, Gabriel Camargo, Henrique Manfredini, Marco Aurélio e Tháles Tintori.

A campanha prevê ainda a criação de vídeos elaborados por alunos da instituição que foram vítimas de crimes. O material será avaliado pela equipe e os mais impactantes serão exibidos em palestras ministradas pelos oficiais da PM e compartilhados nas redes sociais.

"Como forma de incentivar a participação dos universitários, essa atividade valerá créditos no Programa Institucional de Atividade Complementar, também conhecido como Piac", reforça a coordenadora da Portfólio, Karla.

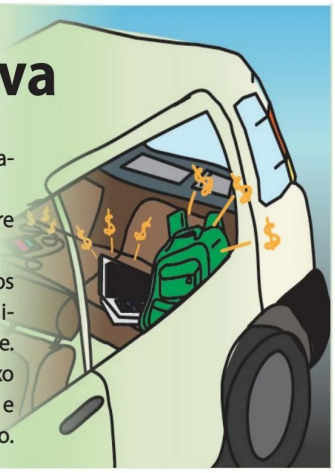
Outro intuito da ação é incentivar a denúncia das ocorrências, uma vez que depois que o assalto ou furto acontece, a pessoa nem sempre procura a polícia para fazer o boletim de ocorrência. "Se a vítima não denuncia um furto, a PM acredita que está tudo bem porque as estatísticas estão baixas. É necessário que haja a denúncia para que nós possamos ter maior controle da situação", explica o Capitão Claiton.

O projeto foi apresentado pelos alunos da Comunicação Social para a PM, para o Consep, e posteriormente ao reitor da Uniube, Marcelo Palmério. Já aprovada, a campanha ganhará as ruas ainda este mês.

Segurança preventiva

Cuidados básicos são fundamentais para prevenir crimes:

- Não deixe objetos de valor expostos no carro.
- Não converse no celular em locais de pouco movimento ou mal iluminados.
- Não esqueça a porta de casa destrancada, mesmo quando tiver movimentação nela.
- Procure andar sempre acompanhado.
- Não ande com objetos chamativos ou muito dinheiro desnecessariamente.
- Não estacione embaixo de árvores, locais escuros e com pouca movimentação.



issuu-downloader.com

Cerca de cem detentos participam de programa de ressocialização

Izabel Durynek
5º período de Jornalismo

Foto: Arquivo PMU

Integrantes do programa Começar de Novo trabalham na recuperação do gramado do Estádio Engenheiro João Guido, o Uberabão

Criado pelo Supremo Tribunal Federal (STF), o programa Começar de Novo tem como objetivo oferecer oportunidade a detentos do Brasil, socializando o preso, por meio da oportunidade de trabalho e de cursos de capacitação.

Existem hoje no Brasil cerca de 446 mil presos, segundo dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Uma relação de 229 detentos para cada grupo de mil habitantes, ou seja, quase o dobro do registrado na Argentina e mais que o triplo da taxa existente na Dinamarca.

Do total de presidiários brasileiros, 57% já foram condenados, enquanto outros 43% ainda são provisórios e aguardam julgamento.

Em Uberaba, o programa Começar de Novo é desenvolvido pelo Juizado de Execução Criminal, juntamente com a direção da penitenciária Aluízio Inácio de Oliveira, com os agentes penitenciários, psicólogos e assistentes sociais.

> "O grande fator que impede a recuperação do detento é o crack

Paralelo ao programa, o núcleo de prevenção à criminalidade pretende ressocializar ex-detentos e detentos e regime aberto e semiaberto, com a intenção de impedir o retorno ao crime.

De acordo com o juiz Wagner Guerreiro, que atuou na época da implantação do programa, o índice de reincidência ainda é alto, porém um dos melhores do país. "O grande fator que impede a recuperação do detento é o crack".

O magistrado lembra que se o indivíduo fica em liberdade e não recebe tratamento adequado, a tendência é que retorne ao crime.

Na penitenciária, o preso, ao ser condenado, passa por avaliação de suas aptidões.

Caso esteja de acordo, o detento é encaminhado para a escola, que funciona dentro da própria instituição prisional. É uma parceria com a Secretaria de Educação do Estado, que trabalha com o Ensino de Jovens e Adultos (EJA) e com cursos técnicos. A lei de Execução Penal garante ao condenado que frequenta as aulas a possibilidade de redução de pena.

De acordo com o diretor da escola da penitenciária, Itamar da Silva Rodrigues Júnior, os profissionais do núcleo de ressocialização realizam avaliações trimestrais.

Um exame criminológico é feito pela Comissão Técnica de Classificação para analisar o detento na prisão. Um laudo é submetido ao juizado para sustentar a progressão ao regime semiaberto. Com a autorização judicial, os detentos têm a permissão para trabalhar.

Ao todo, três empresas privadas e um órgão público aderiram ao programa. São 110 presos trabalhando externamente.

A Prefeitura Municipal de Uberaba abraçou a causa. Hoje, 55 presos prestam serviço ao órgão.

O coordenador de Projetos da prefeitura, Fabio Antônio da Costa, alega que o mercado está carente de profissionais. "Vejo ganhos para todos: para a sociedade que tem a possibilidade da redução nos índices de violência e para a prefeitura, que pode contar com a mão-de-obra e ajuda na ressocialização."

Márcio Antônio Rosa, de 49 anos, é um dos detentos do programa. Ele não esquece o período em que passou na penitenciária. "O inferno é ali", frisa alegando que nunca viu lugar mais escuro e difícil de ficar.

Condenado a seis anos de prisão, cumpre a pena em regime aberto, por bom comportamento. Durante 11 meses, prestou serviços em vários pontos da cidade. Recentemente, teve a chance de retomar ao posto de trabalho que ocupava antes da condenação. "Espero que meus colegas também aproveitem a oportunidade oferecida".

Segundo os especialistas, 10% dos presos ressocializados perdem a oportunidade em função de fugas, ameaças aos agentes e envolvimento com o tráfico de drogas.

issuu-downloader.com

Instituto resgata usuárias de drogas

Montagem: Cristiano Bizzinotto

A imagem, meramente ilustrativa, retrata a possibilidade de transformação do indivíduo após o tratamento contra as drogas

Katiuscia Antunes
5º período de Jornalismo

"Meu primeiro entorpecente e minha primeira bebida foram apresentados pra mim, pela minha mãe, aos 12 anos". Este depoimento é de uma jovem de 16 anos, que está em fase de recuperação no Instituto Municipal Anti Drogas (IMAD).

Usuária de crack e alcóolatra, teve sua primeira internação aos 13 anos, mas fugiu pouco tempo depois. Após quatro anos, foi novamente internada, em função de uma gravidez. Sua filha foi encaminhada para uma Casa de Proteção.

Ela fugiu novamente. Ficou mês e meio na rua e, neste tempo, voltou a usar drogas com a sua mãe, que morreu em virtude de uma overdose. Com a morte da mãe, ela voltou para o IMAD. "Como eu não tenho ninguém para ficar com a minha guarda, só me restam a coordenadora Marta e minha filha", ressalta.

A Comissão Especial de Políticas Públicas Sobre Drogas (Cedroga) divulgou dados sobre o número de usuários de crack no Brasil, cerca de 1,5 milhão. Um estudo do Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas da Universidade de São Paulo (Grea) revela que há fatores que contribuem para que um jovem se vicie. O primeiro é genético. Segundo o Grea, já se provou que pessoas com histórico familiar de alcoolismo ou algum outro vício correm mais risco de ser dependentes. Os demais estão relacionados à personalidade.

Como funciona o IMAD

O IMAD é a única instituição em Uberaba que abriga mulheres em situação de dependência de substâncias pscicoativas ou condicionalidades socioeducativas. As duas casas de abrigo, uma para menores e outra para maiores de idade, são mantidas pela Sociedade Civil, por meio de doações, e pela Secretaria de Desenvolvimento Social (SEDES).

Coordenado pela pós-graduada em Dependência Química, Marta de Oliveira, a casa tem capacidade para acolher 25 menores. As adolescentes chegam trazidas pelas próprias famílias, Conselho Tutelar, Juizado da Infância e da Juventude e Departamento de Ação Social. O instituto também conta com o apoio do padre José Lourenço da Silva Júnior, que coordena um projeto assistencial às pessoas que vivem nas ruas. "Quando ele encontra alguma menor, traz para instituição. A adolescente é acolhida imediatamente", afirma Marta.

O trabalho realizado para recuperação é por meio de palestras, projetos e seminários, cursos profissionalizantes, juntamente com apoio de uma equipe multidisciplinar composta por psicólogo, terapeuta, fisioterapeuta e nutricionista.

Além deste tratamento de dependência química, com duração de seis a nove meses, as menores também têm um tratamento ambulatorial, devido às várias infecções e doenças contraídas.

A coordenadora diz que as internas frequentam ainda o grupo de apoio Amor Exigente, que desenvolve um trabalho junto às famílias. Os parentes participam de visitas semanais ao IMAD.

A psicóloga Aianny Fabielle atua no resgate da auto-estima. "Muitos de seus conflitos estão ligados à falta de estrutura familiar. Elas sentem um vazio enorme e tentam suprir este conflito, com o uso de entorpecentes".

A adolescente, que foi nossa personagem no início desta repotagem, diz sentir muita falta de sua mãe e sonha com um futuro melhor para sua filha. "Só por hoje eu estou limpa, só por hoje vou continuar a ser limpa, só por hoje sigo forte e firme na minha caminhada", conclui.

> "Quando chegar o dia de sair daqui, em primeiro lugar, quero reconquistar a confiança da minha família

A esperança no caminho

Outra interna, de 17 anos, diz ter começado a usar drogas aos 13. Ela afirma que já fugiu por diversas vezes do instituto por causa da abstinência. Na última internação, foi levada pelo Juizado de Menores. "Não me acostumei a ficar trancada, mas com o tempo me acostumo".

Quando chegou ao instituto, estava debilitada, com vários problemas de saúde, mas hoje está bem melhor. "Quando chegar o dia de sair daqui, em primeiro lugar, quero reconquistar a confiança da minha família, voltar a estudar e fazer cursos, ocupando assim a minha cabeça, para eu não ficar parasitando", afirma.

Os pais são dependentes do álcool e participam do Amor Exigente. Até o fechamento desta reportagem, o casal estava há duas semanas sem consumir bebida alcoólica para ajudar a filha.

issuu-downloader.com

Uma homenagem merecida

A história de Lucilia Rosa Vermelha é imortalizada em livro

Wilson Ferreira
5º período de Jornalismo

Quantas pessoas tem interesse em pegar um livro que conte a história de um ídolo ou, quem sabe, de uma pessoa influente, como as grandes biografias de personalidades que influenciaram a TV, ou do meio político?

O jornalista Luiz Alberto Molinar se inspirou na história de Lucilia Rosa, uma das 17 primeiras vereadoras de Minas Gerais, eleita em Campo Florido, em 1947, aos 35 anos de idade.

Lucilia Rosa Vermelha é o título da biografia desta pioneira do feminismo, escrita por Molinar, com apoio da historiadora Luciana Maluf Vilela, e idealizado pela também jornalista Evacira de Coraspe.

"É o resgate de parte da memória da nossa cidade", explica Molinar.

Lucilia Soares nasceu em Uberaba (MG), em 1912, filha do alfaiate Calisto Rosa e sobrinha do professor e agrimensor Alexandre Barbosa. Católicos até a adolescência, ambos tornaram-se anticlericais e anarquistas. Eles exerceram importante influência sobre ela.

Os revolucionários Olga Benário, Luiz Carlos Prestes e Orlando Ferreira (Doca) inspiraram a vida de Lucilia Rosa

Na obra, as histórias de arrojo e luta contra a ditadura militar desta mulher que foi presa várias vezes e pertencia ao então clandestino PCB (Partido Comunista do Brasil.)

Na época, o partido era composto por nomes importantes, como Orlando Ferreira, conhecido como Doca. Jornalista e ativista político, ele conquistou inimigos na cidade de Uberaba pelas suas ideias.

O engenheiro da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e professor da Faculdade de Engenharia do Triângulo Mineiro, Abel Reis, o fazendeiro Afrânio Azevedo, premiado criador e exportador de gado zebu e doador das áreas onde se localizam o campus da Uniube (Universidade de Uberaba), também integravam o partido.

"Em troca dos imóveis, foram concedidas bolsas de estudos a alunos carentes, alguns deles filhos de comunistas. Um dos beneficiados foi o ex-prefeito Wagner do Nascimento (PMDB), filho do sapateiro e pecebista Olívio Nascimento", salienta Molinar.

Outras celebridades da política e da cultura nacional que mantiveram relação com pessoas ligadas a Lucilia são enfocadas. Entre elas, o pintor Candido Portinari, o diretor do jornal Hoje, Antonio Manoel Mendes André, ligado ao PCB, e o redator-chefe, escritor Jorge Amado.

"Por incrível que pareça, o início da pesquisa se deu por meio de um caderno de receita de Lucilia de 1936", relata o jornalista que fez levantamentos nos arquivos públicos de várias cidades além de Uberaba, como Rio de Janeiro, São Paulo, dentre outras.

O livro é dividido entre fotos de arquivos, pesquisas e relato de pessoas que conviveram com ela. O jornalista explica que sem o apoio da própria Lucilia seria difícil reunir tantas informações e histórias.

"À medida que ia escrevendo o livro, ela contava suas histórias com uma grandeza de detalhes incrível. Sua memória era extraordinária e o acervo rico de documentos; dentre eles, correspondências

Lucilia nasceu em 1912, elegeu-se veradora em 1947, foi militante pelo PCB entre as décadas de 30 e 80, e morreu, em 2011, aos 98 anos

issuu-downloader.com

Fotos: Arquivo Pessoal

A personagem colaborou com os idealizadores da obra com inúmeras entrevistas, sempre frisando seu senso crítico

que manteve com Luiz Carlos Prestes, secretário-geral do PCB, entre os anos de 1930 e 1980, e com Anita Leocádia, filha dele com Olga Benário, morta em campo de concentração nazista, na Alemanha."

Lucilia manteve contato permanente com Olga por mais de 30 anos. Moraram juntas durante dois anos e meio, no início da década de 70, clandestinamente, durante os anos mais sangrentos da ditadura. Residiu também, durante três meses, em 1962, na capital paulista, com a família de Prestes.

"A expectativa é que esse livro seja um banco de dados para quem quiser pesquisar e saber mais sobre a história dessa incrível personagem", conta.

Lucília Rosa Vermelha faleceu em março de 2011, na cidade de Uberaba.

O livro possui 417 páginas e 46 capítulos

Curiosidade

Lucilia não foi batizada na igreja. Nunca pintou as unhas e nem se maquiou. Namorou muitos. Dois primos a pediram em casamento. Foi costureira de vestido de noiva. Casou por contrato com homem casado. Foi professora, faxineira e cozinheira de 'mão cheia'. Ateia desde criancinha e espiritualista aos 90 anos:

"Há algo mais. Eu não acredito em Deus, mas alguns amigos acreditam e eu acredito neles", dizia ela.

Dona Alice, uma vida de superação

Danilo Lima
7º período de Jornalismo

As mãos trêmulas, intranquilas. O vestido de chita vermelho. A sandália de dedo. Cara de vovó. Aquelas de comercial de manteiga. Uma senhorinha de personalidade. É assim que todos no Lar da Caridade São Vicente de Paulo definem Maria Alice Pereira, de 92 anos.

Há 11 anos no lar, hoje em dia, somente ela é testemunha da própria vida.

Não se casou, não teve filhos, se intitula uma "senhora solteirona".

"Eu nunca quis ter filhos, dá muito trabalho", diz dona Maria, que vive ajudando a todos como pode. Um copo de água aqui, uma bolachinha ali. É toda atenciosa.

Nascida na cidade de Conquista, na década de 20, trabalhava na lavoura de algodão. Quebrou muito milho para viver, como ela diz. Veio para Uberaba muito cedo, por força das circunstâncias. Sua mãe morreu quando ela estava com apenas 11 anos de idade. Ela e seus irmãos tiveram, em sua madrasta, o maior algoz. Nem a idade avançada a fez esquecer das maldades que a madrasta lhe impôs. Maria Libertina, segundo a enteada, uma alcóolatra de carteirinha. Eram surras homéricas. "Um dia, ela acertou um pedaço de madeira em minha cabeça, e eu desmaiei. Todos pensaram que eu tivesse morrido. No dia em que ela morreu, foi um alívio para todos".

Aqui na cidade, tornou -se doméstica. Gostava do serviço. Ajudou a criar os filhos da família Vasques, como gosta de frisar. Hoje, os patrões fazem parte somente da memória de Dona Alice. Todos já morreram.

De noite, ela também trabalhou, por muito tempo, servindo as mesas, no Bar da Viúva, situado na Artur Machado, uma pizzaria muito conhecida pelos mais velhos. "Adorava ver aquelas festanças que eles faziam. Sempre que podia, eu dava uma olhada no salão"

Com o fechamento do bar e a morte dos Vasques, dona Maria Alice resolveu ir morar no lar, com a ajuda da filha dos falecidos patrões, Bernadeth Vasques, que hoje mora na cidade de Brasília. "Resolvi que não queria dar trabalho para meu único irmão. Estou feliz aqui".

Em relação à família, ela se ressente apenas pela ausência de suas sobrinhas, que quase nunca aparecem. "Talvez elas achem que eu não sinto falta delas,h ou simplesmente não podem vir".

Passar o dia todo no banquinho conversando com as amigas, jogando papo fora, falando da vida, é um dos passatempos preferidos de dona Alice.

Da janela de sua vida, ela enxerga o futuro como um lindo horizonte, onde pacientemente espera o dia de amanhã.

Foto: Danilo Lima

Aos 92 anos, ela vive no Lar São Vicente de Paulo, desde 2000

issuu-downloader.com

Indecisão persegue estudantes durante a escolha da profissão

Marcela Matarim
5º período de Jornalismo

Escolha, dúvida, universidade, cursinho, pressão! Para quem está prestes a concluir o Ensino Médio é natural ligar uma coisa à outra, em especial, às vésperas de encarar o vestibular.

Matheus Silvério, de 17 anos, faz parte do grupo de jovens que se despede da escola para encarar a rotina universitária, mas ele prolongará pelo menos por seis meses o ingresso à faculdade.

O motivo é simples e bastante comum entre os jovens: a dúvida sobre qual profissão escolher. "É muito difícil decidir uma profissão porque geralmente ela é para o resto da vida. Eu já sei que eu não quero, por exemplo, algo na área de Exatas", afirma.

O estudante revela se sentir incomodado ao ver colegas decidirem o futuro profissional.Para tentar encontrar a verdadeira vocação, já participou de feiras de profissões e realizou testes.

"As feiras de profissão têm como objetivo a apresentação da estrutura física da universidade aos candidatos, como laboratórios, salas de aulas, clínicas. O contato com professores e profissionais de cada área permite que o estudante conheça os programas e projetos oferecidos pelo curso", explica o coordenador de Divulgação e Promoção da Universidade de Uberaba, Júlio César de Oliveira Júnior.

Mas o que para muitas pessoas funciona como fator decisivo, para Matheus não adiantou. "Os cursos procuram mostrar o que há de melhor e, em cada lugar, acabei me identificando com algo", explica.

Futuro incerto

A indecisão na escolha do curso não é uma particularidade apenas de quem ainda não entrou na faculdade. A universitária Thaís Arantes Lopes prestou vestibular duas vezes para Medicina.

O sonho surgiu aos 11 anos de idade, porém não foi bem sucedido. Resolveu estudar Enfermagem por influência de amigos e por imaginar que depois seria mais fácil a transferência para a outra graduação. "A vontade de entrar na faculdade falou mais alto e eu não queria continuar no cursinho porque já o fazia há seis meses".

Após um ano de curso, Thaís percebeu que a área da Saúde não era a que ela gostava. "Nessa época, sofri um pouco, por não saber se desistia ou se continuava, e o que meus pais pensariam. Tive muitas incertezas por medo da reação deles".

Foto: Marcela Matarim

A psicóloga Regina Basílio diz que a indecisão é natural da vida

Foi considerando algumas atividades que, até então, tinha apenas como hobby, que ela chegou a uma nova conclusão sobre

issuu-downloader.com

qual carreira seguir.

O gosto por ler casos policiais, histórias de investigação e a luta pelos direitos da sociedade fizeram a universitária escolher o Direito.

"Agora que me encontrei. Tenho certeza de que essa é a minha área. Advogar não é o que pretendo no momento. Gosto da área penal, porém é cedo para dizer se vai ser isso ou não, até porque ainda há outras áreas para conhecer", afirma.

A psicóloga Regina Basílio analisa a indecisão como natural na vida, independentemente da faixa etária. "Às vezes traz até o sofrimento, então, claro que é necessário tomar uma série de cuidados, afinal de contas, destino é questão de escolha e de tomada de decisões", ressalta.

A postura e a estrutura familiar também podem diminuir ou aumentar a dúvida, conforme explica a psicóloga.

O jovem pode conviver em um ambiente onde às vezes a escolha do curso será feita com base no custo. A situação muda se a família for extremamente tradicional.

> Se o avô foi médico, todos também precisam seguir a mesma profissão? Tudo depende de cada contexto e situação

"Se o avô foi médico, todos também precisam seguir a mesma profissão? Tudo depende de cada contexto e situação".

Outro exemplo baseia-se no histórico profissional dos antecessores. O fato deles serem bem ou mal sucedidos na profissão e a forma como equilibram as rotinas doméstica e de trabalho também podem ser decisivos. "Se uma pessoa dedica muito ao trabalho, muitas vezes o filho diz: 'eu quero ser tudo, menos o que ele é'. Isso porque o pai não tem horário, tem que sair de madrugada, trabalha muito e se dedica muito. Já outros que percebem o sucesso, se espelham e querem fazer o mesmo. Então, claro que exerce sim uma influência que pode ser positiva ou negativa, dependendo de como transcorreu toda essa história de vida", enfatiza.

Driblando a dúvida

Quem liga a televisão ao meio-dia, e sintoniza na TV Integração, afiliada Rede Globo, pode até pensar que César Antonio, à frente do MGTV 1ª edição, já nasceu com predisposição para a apresentação de um jornalístico, e sempre teve certeza de que era isso que queria fazer.

Na verdade, o interesse vem mesmo desde a infância, mas com o passar dos períodos durante a graduação, a dúvida fez parte do currículo do jornalista.

Foto: Arquivo Pessoal

O jornalista César Antonio à frente da bancada do telejornal MGTV

"Tinha dia que a gente tinha uma aula só, no último horário e era extremamente desgastante, além do gasto com o transporte, que também era grande. A turma era muito pequena. Foi indo até eu chegar ao ponto de comentar com os amigos que não queria mais o Jornalismo e que iria cursar Odontologia", relembra ele, ressaltando que no fim do segundo ano chegou a se despedir da turma, afirmando que não voltaria mais.

Depois de conversar muito com os pais e de rever as prioridades durante o período de férias, César decidiu continuar o curso. Seguiu sem dúvidas e se formou em 2007.

"Refletir sobre a grade curricular do curso é muito importante, porque às vezes é uma questão de momento, como era o meu caso".

O jornalista conta que, atualmente, não se vê em outra profissão, mesmo não descartando a possibilidade de fazer outra graduação. Entretanto, não seria nada parecido com a Odontologia.

A escolha seria por algo que pudesse complementar o currículo como jornalista.

Outra dica é aproveitar as oficinas que geralmente são oferecidas ao longo de todos os cursos, independente de qual área seja. Segundo ele, é uma oportunidade vivenciar a prática da profissão.

Fique por dentro

A Universidade de Uberaba (Uniube) possui programas capazes de auxiliar os estudantes, tanto os que irão ingressar na vida acadêmica, quanto aqueles que já estão inseridos neste ambiente:

• **Visite a Uniube:** Durante todo o ano letivo, a universidade recebe professores e alunos de escolas do Ensino Médio e cursinhos de Uberaba e região para conhecerem a infra-estrutura e os cursos.

• **Plano de Atenção ao Estudante (PAE):** apoia, ampara e estimula as atividades dos alunos da Uniube, buscando o atendimento de seus interesses, desejos e necessidades de vivência e convivência universitária.

• **Programa de Acompanhamento Pedagógico (PAP):** colabora com a revisão de conteúdos do Ensino Médio e o desenvolvimento de habilidades para que o aluno alcance o sucesso nos estudos e o perfil almejado pelo curso.

• **Uniube Aberta:** A feira de profissões será realizada em 19 de maio, das 9h às 17h, no campus Aeroporto, com sorteio de quatro notebooks. O objetivo é receber alunos, pais e professores para que possam esclarecer dúvidas sobre a vida acadêmica e conhecer os cursos da instituição. As inscrições já podem ser feitas gratuitamente: uniube.br/copese/inscricao_aberta/

issuu-downloader.com

dia da
SAÚDE
UNIUBE
VESTIBULAR
JUN'2012
PROVAS
17/06
7ª CORRIDA
– 5,5 km –
(Foto 6ª Corrida da Saúde / 2011)
15'abril
(DOMINGO)
LOCAL: UNIUBE CAMPUS AEROPORTO
Uberaba-MG
9h
PREMIAÇÃO
GERAL - MASCULINO E FEMININO
1º Lugar: Troféu + R$1.300,00
2º Lugar: Troféu + R$650,00
3º Lugar: Troféu + R$450,00
4º Lugar: Troféu + R$350,00
5º Lugar: Troféu + R$250,00
Categorias: Masculino e Feminino
Troféu para 1º, 2º e 3º Lugares
Medalhas para todos competidores que completarem a prova.
A premiação será feita aos participantes devidamente inscritos na forma do regulamento de inscrição. www.uniube.br
Sorteio de uma bike para os competidores presentes e devidamentes inscritos.
Imagem meramente ilustrativa
FAÇA SUA INSCRIÇÃO
www.uniube.br
0800 34 3113
PROGRAMAÇÃO DO EVENTO NO SITE www.uniube.br
Patrocinadores:
JORNAL DE UBERABA
GOOD SOY
AM FM
JP
JM
Jornal da Manhã
Todo mundo lê, todo dia.
VAMHUS
Ser humano é ser voluntário.
FUBET
EDITORA E GRÁFICA
UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

issuu-downloader.com